

O Papel da Escola na Constituição da Transcendência

Patrick Vieira Ferreira^I
Vera Maria Nigro de Souza Placco^{II}

^ICentro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP), São Paulo/SP – Brasil

^{II}Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo/SP – Brasil

RESUMO – O Papel da Escola na Constituição da Transcendência. Este trabalho teve como objetivo investigar as contribuições da escola contemporânea para a constituição da transcendência em alunos do Ensino Médio, na cidade de São Paulo. Os instrumentos de produção de dados foram: 1) aplicação de questionários e 2) grupos de discussão. Como metodologia para o tratamento dos dados assim produzidos, empregou-se a análise descritiva de frequências e variância bem como a análise de prosa. Os resultados revelaram que a escola contribui para a constituição da transcendência quando: 1) proporciona ambientes em que a dimensão transcendental possa ser explorada; 2) oferece auxílio psicoemocional aos alunos; 3) seus professores se tornam mediadores de conhecimentos profundos ao desenvolverem relações baseadas em práticas humanizadoras.

Palavras-chave: **Transcendência. Educação. Escola.**

ABSTRACT – The Role of the School in the Constitution of Transcendence. This study aimed to investigate the contributions of contemporary schools to the development of transcendence among high school students in the city of Sao Paulo. The instruments for the collection of data were: 1) surveys and 2) discussion groups. Descriptive frequency and variance analysis, as well as prose analysis, were used to process the data thus produced. The results revealed that schools contribute to the development of transcendence when: 1) they provide an environment in which the transcendental dimension can be explored; 2) they offer psycho-emotional support to students; 3) their teachers become mediators of deep knowledge by developing relationships based on humanizing practices.

Keywords: **Transcendence. Education. School.**

Introdução

Historicamente, a educação relegou à transcendência uma posição secundária. De acordo com Miller (2019, p. 165), tanto a educação progressista quanto a humanística lidavam com a “pessoa inteira”, mas concentravam-se nas áreas intelectual, emocional, física, social e estética; contudo, essas abordagens ignoraram a dimensão espiritual da humanidade. Dada a difusão da espiritualidade, nos últimos 20 anos, tem havido uma atenção crescente ao seu papel na educação e nas práticas escolares (Glazer, 1999). O que esse aumento da atenção realmente significa para a educação? A escola tem algum papel fundamental nesse processo? Valorizar a espiritualidade pode trazer benefícios tanto para a escola quanto para os estudantes. De qualquer forma, está se tornando cada vez mais difícil ignorar a influência que a dimensão espiritual exerce no ambiente de aprendizado.

A transcendência como parte do ser e suas implicações para a educação

Muitos autores da área educacional e da psicologia têm escrito sobre a dimensão espiritual e têm trazido contribuições relevantes para sua compreensão. Por conta de alguma percepção individual, sejam experiências concretas ou abstratas, a espiritualidade tem tido significados diferentes para cada pessoa. Explicar o aspecto espiritual pode ser tão difícil quanto defini-lo. Entretanto, Viktor Frankl (2017, p. 20) traz luz sobre essa questão. Para ele, a existência “é algo essencialmente espiritual”, não é só uma questão de maior importância ontológica, mas também de especial relevância psicoterapêutica.

Na Logoterapia, teoria psicológica de Viktor Frankl, se valoriza a dimensão do espírito, a dimensão noética, regida pelo reino dos valores. Este ponto de vista descobre, no nível inconsciente, a presença da espiritualidade negada pelas outras escolas de psicoterapia. A teoria de Frankl se converte na autêntica psicologia “profunda”, na medida em que desce, não somente, ao inconsciente instintivo, mas também ao inconsciente espiritual; é uma psicoterapia a partir do espiritual (Pascual, 2003). Este “a partir do espiritual” significa recorrer ao logos (termo que também significa sentido), de onde vem também o termo Logoterapia, que significa “terapia através do sentido” ou “cura através do significado”; é uma psicoterapia centrada no sentido (Frankl, 2005).

Frankl traz, no entendimento do humano, a dimensão noética ou dimensão espiritual, e toca na essência do que é ser humano, ou seja, usar a capacidade de transcender uma situação extremamente desumanizadora, manter a liberdade interior e, desta maneira, não renunciar ao “sentido da vida”, que está relacionado a cada pessoa especificamente, que é mutável e pode ser encontrado ou descoberto. Esta dimensão noológica, que inclui o ser humano em sua totalidade, corpo, psiquismo e espírito (nous), situa-se além do psico-físico, numa visão mais ampla, que inclui o espiritual, não apenas numa di-

mensão religiosa, mas também valorativa, intelectual e artística. Preocupa-se com a pessoa na sua existência concreta, no seu cotidiano, no seu vivido (Frankl, 2017).

Frankl (2014, p. 62) concebe o homem como sendo “efetivamente uma unidade e uma totalidade corpóreo-psíquico-espiritual”. Ou seja, constituído pelas dimensões física (corpórea/somática/biológica/factual), psíquica (mental/anímica) e noética (espiritual). E a dimensão espiritual ou noética abrange as demais, por ser a dimensão especificamente humana. Nesta “instância abissal” (Frankl, 2017, p. 30), primária e genuinamente humana, encontram-se as decisões pessoais, a criatividade, a religiosidade, o senso ético, a compreensão do valor; é a fonte da subjetividade, liberdade, consciência moral e senso de responsabilidade.

Espiritual, na visão frankliana, é a própria essência do ser humano, uma vez que é a fonte primária do ato, a consciência pura (Frankl, 2016). Embora primordial, a dimensão noética é, em certo sentido, inconsciente. E para alcançá-la o homem precisa se autotranscender. A autotranscendência é a essência da existência humana, ou melhor, de que o essencial não é a duração da vida, e sim a plenitude de sentido:

[...] ‘autotranscendência’ da existência. Isso quer dizer que ser humano significa dirigir-se para além de si mesmo, para algo diferente de si mesmo para alguma coisa ou alguém [...] com base na sua autocompreensão ontológica pré-reflexiva, tem conhecimento de que ele se autorealiza precisamente na medida em que se esquece de si próprio; e ele se esquece de si próprio novamente na medida em que se entrega a uma causa à qual serve, ou a uma pessoa que ama (Frankl, 2017, p. 77-78).

Segundo Frankl (2016), a realização existencial pode acontecer por três caminhos: 1) Através dos valores criativos, “criando um trabalho ou praticando um ato”, transcendendo a sua esfera para algo no mundo, descobrindo um sentido no que se faz, por meio de uma criação, de uma produção, ao compor uma obra científica ou artística, ao lapidar uma pedra bruta, ao dar cores a uma tela e etc. 2) Mediante valores vivenciais ou experienciais, encontrando um sentido em viver algo ou amar alguém, nos relacionamentos, no encontro entre um eu e um tu. E ainda, 3) por meio de valores atitudinais, situações de sofrimento inevitável, momentos de desespero, que o indivíduo enfrenta com uma atitude de sentido, em que, mesmo diante da dor, tem-se a possibilidade e a liberdade de posicionar-se, transformando uma condição de sofrimento em uma realização, permitindo-lhe dar o testemunho do qual só o ser humano é capaz.

Todos os seres humanos são dotados destes elementos, Frankl não faz nenhum tipo de acepção (religiosa ou ateia). Embora Frankl seja com frequência aludido como sendo abundantemente religioso, ele se compromete com a neutralidade médica, empenhado em não impor qualquer tipo de crença religiosa ou visão espiritual a seus pacientes; conseqüentemente, ele exhibe uma posição neutra sobre a religiosidade. Ele via o desenvolvimento espiritual como uma experiência universal, acessível a todos os seres humanos, independentemente

de sua orientação religiosa, de maneira que, em sua visão antropológica, há espaço para a pessoa religiosa (de qualquer denominação ou vertente religiosa) e também para a não religiosa, seja agnóstico, ateu ou de qualquer outra orientação.

Edgar Morin, autor da Teoria da Complexidade, também desenvolveu algumas percepções muito significativas quanto à dimensão espiritual e como o estudo dessa dimensão (noologia) é crucial, não apenas para as ciências humanas, mas para todas as ciências (Morin; Coppay, 1983, p. 236) e também, talvez mais importante, para o pensamento humano (Morin, 2005). É através dessa dimensão que se “forma a interrogação humana, é a noosfera que estabelece o contato com o desconhecido, inaudível, o mistério...” (Morin, 1992, p. 127). Morin nomeia as atividades noéticas humanas de muitas maneiras, mas os dois focos principais são a noosfera (articulando a vida das ideias) e a noologia (articulando a organização das ideias). “A noosfera está em nós e nós estamos na noosfera” (Morin, 1992), afirma enfaticamente.

O trabalho de Morin é uma articulação formidável da espiritualidade humana, em uma era de reducionismo nas formas do tecnicismo, cientificismo e logocentrismo. É a reflexão sobre *nous* que leva Morin (1998) no seu insight de nos relacionar com a mente que pensa e a noologia com a ciência da mente pensante. Edgar Morin caracteriza a noologia como organização de ideias que se encontram na noosfera, de onde clama por integração. A noosfera constitui a maneira imediata, embora sutil e às vezes desafiadora, de discernir o ecossistema. Todas as nossas ações, sejam conscientemente intencionais ou não, são mediadas através da noosfera (dimensão espiritual).

Então é preciso religar a espiritualidade a esse conhecimento, dar valor a questões que são essenciais à nossa sobrevivência e à nossa identidade humana. Ao argumenta a favor de uma abordagem multidimensional que considera a ciência da natureza humana de maneira integral, porque “dá novamente sentido às palavras perdidas e esvaziadas nas ciências, inclusive cognitivas: alma, espírito e pensamento” (Morin, 2012b, p. 19), Edgar Morin oferece importantes contribuições para uma possível reflexão sobre o papel da escola no desenvolvimento da espiritualidade.

Para Morin, o papel e um dos desafios para a escola do futuro é “ensinar a condição humana”, que exprime exatamente essa concepção de ser humano enquanto ser plural, múltiplo, com dimensões diversas e interligadas, devendo a educação tratá-lo como tal. Num paradigma simplificador e fragmentário, como o que impera no atual sistema educacional, o ser humano que está sendo educado tem desenvolvido apenas algumas de suas dimensões. Todavia, a partir do pensamento de Morin, a meta de desenvolvimento harmonioso e simultâneo das múltiplas dimensões pode estimular a compreensão e a prática em que o educando seria compreendido sob o prisma de um conceito mais integral, conduzindo a humanidade ao conhecimento das suas próprias realidades complexas, já que “uma educação só po-

de ser viável se for uma educação integral do ser humano. Uma educação que se dirige à totalidade aberta do ser humano e não apenas a um de seus componentes” (Amorin, 2003; Morin, 2000b, p. 11).

[...] o objetivo da educação não é o de transmitir conhecimentos sempre mais numerosos ao aluno, mas o de criar um estado interior e profundo, uma espécie de polaridade de espírito que oriente em um sentido definido, não apenas durante a infância, mas por toda a vida (Morin, 2000a, p. 47).

O pensamento de Morin confirma a importância da espiritualidade no processo de formação do indivíduo, a complexidade que envolve esse processo e que exige uma mudança de paradigmas em todos os âmbitos, principalmente no paradigma educacional. É necessário aumentar a compreensão sobre a temática que une espiritualidade e educação; fomentar as diversas formas de ver a dinâmica de efetivação dos fenômenos de ensino aprendizagem; identificar e refletir sobre a educação como processo de formação do humano e de suas propriedades; buscar compreensão sobre a relação do homem com a dimensão transcendental de sua personalidade e entender a contribuição para a condição individual, coletiva, social e global de ser (Lau, 2016).

Morin et al. procuram respostas para a pergunta: “Quem somos nós?” (2007, p. 88) E essa questão fundamental só pode ser respondida, verdadeiramente, no âmbito espiritual, auxiliando o educando na sua jornada na busca pelo sentido da vida. Sua abordagem cria desdobramentos sérios para a educação, contribuindo para a formação dos indivíduos e para o estudo da espiritualidade humana, já que seus esforços se dirigem para os processos formativos do homem, e para a aquisição de uma nova consciência planetária, uma mistura de autonomia, de liberdade, de heteronomia, ideais que pertencem a “complexidades propriamente humanas” (Morin, 2005, p. 68).

Acontece que, de todas as instituições sociais, a escola, é uma das únicas que pode se planejar para influenciar os processos espirituais, assim como para auxiliar o desenvolvimento cognitivo, de modo que esse desenvolvimento social e emocional aconteça. Outrossim, em sua arguição sobre um possível objeto epistêmico próprio da educação, Röhr (2007) elenca três elementos fundamentais indispensáveis da educação como fenômeno humano: o educador, o educando e a tarefa educacional, também conhecido como Triângulo Didático-Pedagógico. Pois, para ele, a educação “não existe sem o educador que assume a responsabilidade que cabe a ele na humanização do educando, cumprindo as tarefas educacionais que essa humanização envolve” (Röhr, 2007, p. 58).

Com respeito ao primeiro elemento, o educador, devemos considerá-lo como o “principal responsável pelo cumprimento da tarefa educacional” (Röhr, 2007, p. 67). Essa reflexão apresenta contribuições fundamentais para pensar a formação do educador, dado que, “quanto mais conhecimentos seguros o educador adquire na sua conceitualização da integralidade do ser humano, mais orientações ele dispõe para nortear a sua prática pedagógica” (Röhr, 2007, p. 63).

Há um extenso debate a respeito do propósito da escola (Callas, 2020; Lenoir et al., 2016). As finalidades educativas da escola determinam aquilo para o qual ela age e existe. Envolvem os pressupostos que antecedem e norteiam

[...] decisões sobre as políticas educacionais, orientações curriculares, objetivos de formação dos alunos, seleção de conteúdos, ações de ensino-aprendizagem, formas de funcionamento das escolas, diretrizes de formação de professores e políticas de avaliação dos sistemas de ensino e das aprendizagens escolares. Ao mesmo tempo, as finalidades são as referências principais dos critérios de qualidade do ensino e para programas e projetos dos sistemas educacional e, por consequência, para as escolas e professores (Libâneo, 2016, p. 2).

É necessário reconhecer que a finalidade da escola, como aquela responsável pela transmissão de conhecimento, é limitada e insuficiente para a formação integral do sujeito. Para Röhr (2007), a questão teleológica da educação não se esgota na aquisição intelectual de conhecimentos. Para ele, é necessário nos conscientizarmos dos pressupostos que, por vezes, não passam por reflexão. Qualquer que seja o objetivo da educação, deve-se supor “um sentido da vida humana”. Para falar de forma fundamentada, precisamos partir do pressuposto de que há sentido; sem isso a “Educação é uma empreitada sem fundamento” (Röhr, 2007, p. 61).

O papel da escola, à luz destas reflexões, consiste, em termos mais gerais, em prestar ajuda ao educando no seu caminho em direção à sua plenitude, humanizando mais plenamente possível cada ser humano. “A educação, como prática de liberdade, [...] implica na superação da condição de objeto para a condição de sujeito. A humanização não se dá de forma espontânea, mas por meio de um processo pedagógico libertador” (Freire, 1970), deve -se sempre colocar a mesma questão: o que está faltando nesse momento ao educando para chegar mais perto da sua plenitude?

Através dessa reflexão podemos compreender que a espiritualidade é uma dimensão do ser multidimensional que torna o homem verdadeiramente humano. É a dimensão profunda e superior que dá sentido à vida e que permite atingir a autotranscendência. Essa autotranscendência pode ser alcançada de inúmeras maneiras, mas principalmente descobrindo um sentido no que se faz, vivendo algo ou amando alguém e também mediante atitudes de sentido, transformando condições inóspitas em realizações.

A espiritualidade não está refém de religiões, sendo superior a elas, manifestando-se no indivíduo, independente de crenças ou dogmas. Mesmo ateus e gnósticos podem desenvolver a espiritualidade e manifestá-la através dos relacionamentos, no encontro com o outro marcado pelo amor, sendo uma experiência real de transformação da realidade e que dá sentido à própria vida. Desenvolver a dimensão espiritual é reconhecer o ser humano como um ser complexo e inseri-lo no processo de desenvolvimento integral, outrora perdido, à medida que a natureza humana foi particionada. O resgate da

integralidade do ser humano é papel desafiante da escola contemporânea e do futuro, resgate esse que ocorre quando promove o pleno desenvolvimento de todas as dimensões. Para isso, é necessário formar educadores capacitados a auxiliar educandos a buscar os saberes que não são simplesmente transferidos, mas que precisam e podem ser desvelados e acessados de modo humano, espiritual e intersubjetivamente e basear a finalidade da escola como aquela que promove a formação integral do ser.

Esses posicionamentos de Röhr nos ajudam a desvelar os sentidos da transcendência e a melhor esclarecer as análises das falas dos alunos em relação ao desenvolvimento de sua espiritualidade e ao papel da escola nesse desenvolvimento.

Procedimentos metodológicos

Para obtenção dos dados desta pesquisa, utilizamos dois instrumentos de produção e coleta de dados: 1) aplicação de questionários, compostos por 26 questões fechadas e duas abertas, a 34 estudantes do Ensino Médio com idade entre 14 e 18 anos de quatro escolas (2 confessionais e 2 públicas) da cidade de São Paulo; e 2) Grupos de Discussão, com a participação de 21 estudantes, realizados em duas escolas (1 confessional e 1 pública), com a finalidade de retratar, segundo a opinião desses jovens, o papel da escola na constituição da espiritualidade. Como procedimentos de análise dos dados, optamos, para as respostas do questionário, pela utilização do programa estatístico Statistical Package of Social Science (SPSS), com análise descritiva das frequências, variância e estatística inferencial com utilização de teste t de Student em algumas questões. Para compreender as falas dos grupos de discussão, inspiramo-nos na Análise de Prosa. Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Resultados e discussão

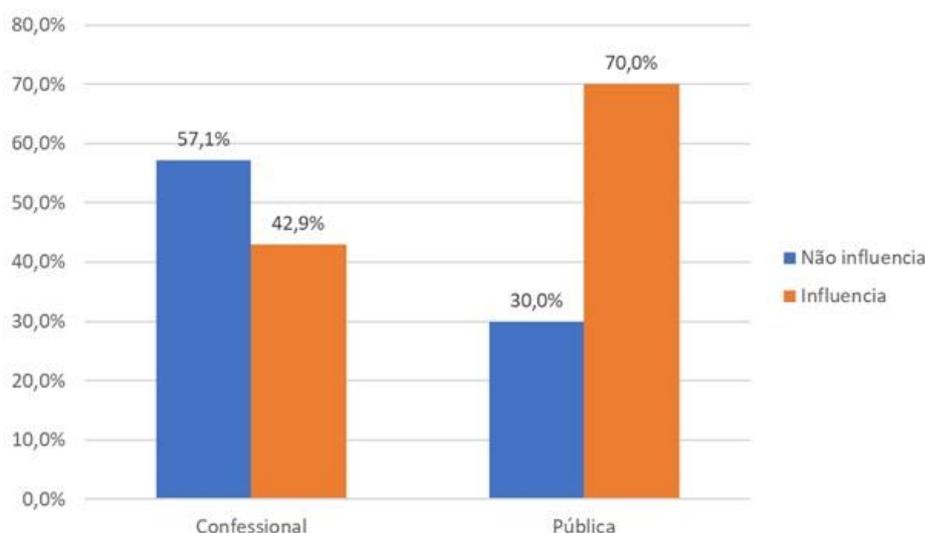
As necessidades humanas mais profundas, a experiência do autoconhecimento, a capacidade de resiliência e superação, a sensação de admiração em um universo vasto e impessoal e a sensação de mistério que encontramos em nossa experiência no mundo estão relacionadas à dimensão espiritual e não podem ser monopólio do estudo da religião; também fazem parte da experiência educacional. Diferentes estudos oferecem respostas sobre a influência positiva da espiritualidade na vida dos indivíduos e seria negligência do educador ignorar as poderosas conceituações que se expressam neles. No questionário aplicado nesta pesquisa, havia tópicos que tinham como propósito conhecer a percepção do sujeito quanto à constituição da espiritualidade e quanto à ação da instituição educacional no desenvolvimento da dimensão espiritual.

Perguntamos aos participantes, por meio do questionário, sobre a influência da espiritualidade no desempenho acadêmico, e 58,8% dos participantes afirmaram existir influência da espiritualidade e

41,2% afirmaram que esta não influencia. Ao compararmos os resultados das escolas confessionais com os das públicas, também observamos que aqueles que consideram que a espiritualidade influencia no desempenho acadêmico estão mais concentrados nas escolas públicas, conforme o Gráfico 1. Ou seja, os estudantes das escolas públicas investigadas têm mais convicção de que a espiritualidade influencia no bom desempenho acadêmico.

Lancuna et al. (2021) nos ajudam a compreender estes dados quando declaram que fatores como condição econômica, problemas familiares e desempenho acadêmico podem causar ansiedade e depressão, além de expor o estudante a situações de vulnerabilidade e com possíveis dificuldades para enfrentá-las, fazendo com que encontre na espiritualidade alívio para a tensão. Se levarmos em consideração o fato de os estudantes de escolas públicas experimentarem mais situações de vulnerabilidade socioeconômica, é possível que eles estejam mais propensos a lidar com situações de adversidade.

Gráfico 1 – Comparação da influência da espiritualidade no desempenho acadêmico entre instituições



Fonte: Elaborado pelo autor.

Para Frankl (2016, p. 192), essa capacidade de lidar com situações-limite, as quais não se pode modificar ou evitar são chamadas de “valores atitudinais” e são, no seu entender, os valores mais elevados (Frankl, 2010). O estudante pode experimentar a impossibilidade de executar uma tarefa escolar, bem como a falta de ânimo para frequentar a escola, porém, não obstante as circunstâncias, existe capacidade para encontrar um significado para a vida. Na medida em que se aceita uma situação difícil, toma-se uma atitude diante da adversidade e enfrenta a circunstância com resiliência; assim o indivíduo se torna capaz de mudar a si próprio para superar tal adversidade (Frankl,

2018). Ao conseguir desenvolver resiliência para superar estas dificuldades, o estudante também pode conseguir auxílio espiritual que o ajude a melhorar o desempenho acadêmico.

Ao mesmo tempo, estes jovens e adolescentes estão passando pela fase de transição para a vida adulta, o que pode ocasionar crises existenciais. Pestana (2021) defende que essas crises existenciais também podem atrapalhar o desempenho escolar; e que atividades que envolvam a dimensão espiritual produzem efeitos positivos no desempenho acadêmico e em outros aspectos. Frankl (2005), através de suas experiências clínicas, estabeleceu o vazio existencial como o problema que mais afeta os jovens. Para May (2011), a busca pelo sentido da vida, que se encontra no desenvolvimento da dimensão espiritual, constitui uma estratégia preventiva contra essa crises e experiências de frustração existencial.

Apesar da escassez de pesquisas que avaliam a influência direta da espiritualidade no desempenho escolar, alguns estudos enfatizam a espiritualidade como fator de proteção. Somando a eles, Abdala et al. (2009), por exemplo, em pesquisa com estudantes universitários, também identificou que todos os alunos, independentemente de credo religioso, afirmaram existir influência positiva da espiritualidade no desempenho acadêmico. Fomentar o desenvolvimento da dimensão espiritual nos âmbitos educativos pode ser fundamental para que jovens e adolescentes possam enfrentar seu crescimento e sua inserção social de modo mais favorável.

Na educação, é muito amplo o universo de realização de “valores de atitude”, uma vez que são infindáveis as situações que exigem dos jovens e adolescentes atitudes de superação – vencer situações de condicionamento físico ou psicológico, aceitar desafios, remover obstáculos, resolução de problemas, enfrentar conflitos – no âmbito do trabalho escolar, no âmbito da convivência e na relação com eles próprios. Para além das vivências cotidianas, não raro esses jovens-alunos encontram-se em situações de vulnerabilidade familiar, social ou econômica, e, com o desenvolvimento da espiritualidade, a escola pode se tornar influência positiva para a vida dos seus estudantes.

Em nossa investigação, pedimos aos participantes que apontassem, numa escala de 100 pontos (0 = não contribui, 100 = contribui bastante), o quanto os seus professores contribuem para seu crescimento espiritual. Os estudantes alcançaram uma média de apenas 44,12% (dp = 37,67 – alto grau de dispersão dos dados), ou seja, menos da metade dos participantes considera que os professores contribuem para seu crescimento espiritual. A maioria afirma que seus professores não têm contribuído para o desenvolvimento de sua espiritualidade.

Algumas pesquisas apresentam a relevância do papel desempenhado pela escola e pelo professor, no que diz respeito à contribuição deles em questões que ultrapassam o desenvolvimento cognitivo do aluno (Arantes, 2014; Röhr, 2007). Mas, nem sempre dá para tratar da contribuição da escola e do professor de modo separado, pois os papéis dos dois estão imbricados no escopo amplo do processo de ensi-

no-aprendizagem. Ao mesmo tempo, compreender qual a contribuição do professor na constituição da espiritualidade não é tarefa simples, sobretudo porque as significações que os estudantes vão construindo a partir dos estímulos que recebem são amplas e diversas. Esta falta de contribuição, relatada pelos participantes, pode, ao nosso ver, significar a ausência de abordagem dos temas que colaboram para uma reflexão no âmbito espiritual de modo profundo e crítico.

Outra hipótese é que o professor pode estar considerando como ação de educar apenas a transmissão do conhecimento historicamente acumulado. Desse modo, ele se abstém da tarefa pedagógica de mediação e problematização, ou seja, ele não se coloca como ponte entre o estudante e o conhecimento mais profundo, impedindo que as vivências do aluno possam possibilitar uma aprendizagem crítica para sua atuação como sujeito na sociedade, de forma que consiga desenvolver habilidades emanantes da dimensão espiritual. Vieira e Placco (2013, p. 24) enfatizam, ainda, que “o professor não é um agente neutro” e, quer queiram quer não, quer trabalhem apenas a sua disciplina, ou façam um trabalho medíocre” para atingir o fim da educação, eles precisam ajudar o aluno a estabelecer significados para a experiência que vivem e ajudá-los no processo de buscar sentido para a própria vida.

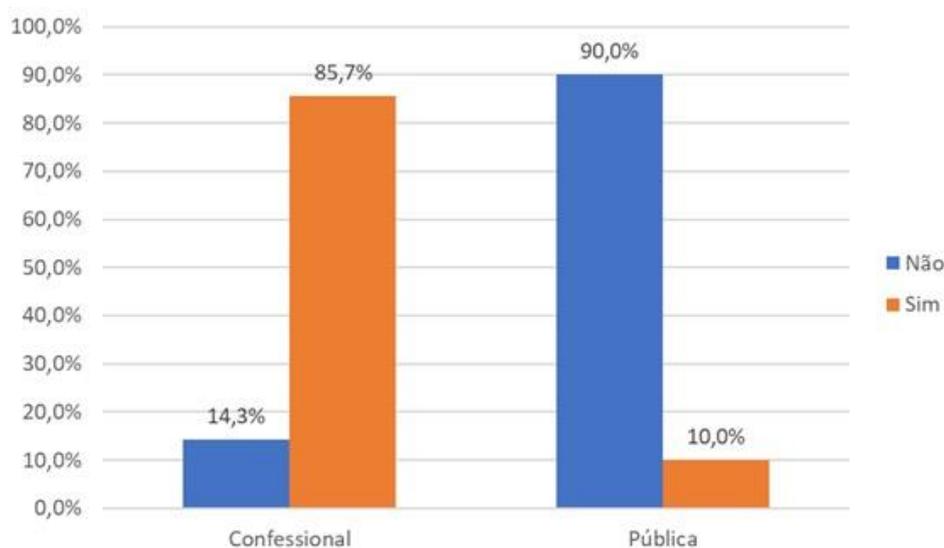
Também é possível que o professor não compreenda claramente o conceito de espiritualidade, pois, caso tenha uma concepção errônea, ele pode entender que não há espaço na escola para tal questão. Essa falta de compreensão, possivelmente, advém de uma formação limitada que não contemple a dimensão espiritual ou até mesmo de uma experiência pessoal que não a vivencie. Quanto mais conhecimentos seguros o educador adquire na sua conceituação da integralidade do ser humano, mais orientações ele reúne para nortear a sua prática pedagógica (Röhr, 2007). Vieira (2009) também apresenta que, ao se provocar a dimensão espiritual, a dimensão técnica, a prática pedagógica e a relação do professor com o aluno são diretamente afetadas, adquirindo pertinência relacionada ao sentido que dão à vida e à profissão.

Os docentes também são vistos pelos estudantes como modelos e fontes de apoio e aconselhamento. Röhr ajuda a compreender essa questão, quando diz que sem ter passado pela própria experiência, sem ter sentido todas as dificuldades no caminho da busca da sua plenitude, o professor não vai poder orientar ninguém. “Quem não sabe das múltiplas formas de parar ou de desviar-se nesse caminho, dificilmente vai poder prestar ajuda ao educando no seu caminho” (Röhr, 2007). Pois, se, de outro lado, o educador não é capaz de vivenciar essa coerência na sua própria vida espiritual, não podemos esperar que ele seja incentivo para a vida espiritual do seu educando. Isto significa que a espiritualidade é essencial ao educador, pois, refletindo sobre o sentido da sua própria existência, sua prática influenciará o aluno na mesma direção e, conseqüentemente, na identidade da própria escola (Röhr, 2012; Vieira; Placco, 2013).

Freire (1970) também nos auxilia na compreensão deste dado, quando apresenta que o educador é o principal formador, contribuindo na humanização do homem, ou seja, na formação integral dele. “Formação humana inclui todos os esforços educacionais na preparação do educando para encontrar a sua espiritualidade” (Röhr, 2011). Para este autor, o educador deve buscar formas adequadas, eticamente justificadas, que contribuam com as dimensões que constituem a plenitude humana. Nesse caso, seria atuar em prol da integralidade dessas dimensões, de acordo com a individualidade do próprio educando. O educador deve colocar-se sempre a mesma questão: o que está faltando nesse momento ao educando para chegar mais perto da sua plenitude? O educador deve ter a capacidade de diagnosticar o que falta na plenitude do seu educando; o conhecimento íntimo dos empecilhos e bloqueios internos e externos que dificultam o avanço no desenvolvimento integral (Rogers, 1969).

De outro modo, para entender a percepção do sujeito quanto à ação da instituição, também foi perguntado aos estudantes, por meio do questionário, se, na escola, há oportunidade de aprender mais sobre espiritualidade, 41,2% declararam que sim e 58,8% disseram que não há oportunidade de aprender sobre espiritualidade. Ao comparar as escolas confessionais com as públicas percebe-se grande desigualdade, mostrando que, nas escolas confessionais, há maior oportunidade de aprendizado do que nas escolas públicas pesquisadas, conforme Gráfico 2.

Gráfico 2 – Comparação entre instituições quanto à oportunidade de aprendizagem sobre espiritualidade



Fonte: Elaborado pelo autor.

Devemos considerar o fato de que as escolas confessionais pesquisadas ofertam aulas de ensino religioso, além de eventos de cunho espiritual como “capelas” e programações religiosas. Esses fatores podem explicar a diferença entre as instituições de ensino público e privado quanto à oportunidade de aprendizado sobre espiritualidade. Caso a concepção de espiritualidade mais valorizada pelos estudantes seja a Espiritualidade e sua relação a religiosidade, isso explicaria a razão dos estudantes das escolas confessionais relatarem mais oportunidade de aprendizado.

O ensino religioso também pode ser significativo na formação integral do homem, já que a religiosidade está inserida na dimensão espiritual e que esta também faz parte do homem. Diversas disciplinas podem contribuir com o desenvolvimento de valores. Esta missão propriamente espiritual da educação, que é ensinar a compreensão entre as pessoas como condição e garantia da solidariedade intelectual e moral da humanidade, se bem desenvolvida, promoverá o crescimento de pessoas mais humanas (Morin, 2000b).

No questionário, os estudantes também opinaram sobre a importância de a escola oferecer algum tipo de assistência espiritual para os alunos, 70,6% dos participantes responderam afirmativamente, enquanto 29,4% não consideram importante a escola oferecer assistência espiritual para o aluno. As escolas confessionais oferecem algum tipo de serviço de assistência espiritual, que pode acontecer através de um pastor evangélico (capelão escolar) ou o próprio professor de ensino religioso.

Levando em conta o quadro global de desigualdades sociais, os jovens se apresentam como uma “população especialmente vulnerável” (Dayrell; Carrano, 2002) e o apoio ou assistência espiritual para jovens que estejam nesses ambientes pode favorecer para que sua resiliência e a efetiva estruturação de recursos individuais e sociais contribuam para o enfrentamento das adversidades. Esses fatores auxiliam na resolução dos problemas e na manutenção do desenvolvimento saudável, especialmente da dimensão espiritual.

Conseguimos, também, expandir a compreensão dos dados quando esses tópicos foram abordados nos grupos de discussão. No que diz respeito à influência da escola sobre a espiritualidade dos alunos, eles compreendem de que existe influência, mas que essa influência acontece de modo indireto: “[A escola] *influencia*. E é como eu disse: a espiritualidade não tem a ver só com a religião. Mesmo que não seja uma escola *religiosa ela pode sim influenciar na sua espiritualidade*” (EC). “*Eu acho que a escola influencia, mas não diretamente. Tipo, eles mostram algumas coisas sobre a vida, algumas coisas você mesmo vê. O que te agrada mais é o que você for seguir, mas é mais indiretamente mesmo*” (EC). “*Tipo, eu acredito que a espiritualidade tem mais a ver com os sentimentos do que espírito, religiosidade e tal. Então, ou seja, a escola ajudar a desenvolver a espiritualidade, que seriam os sentimentos*” (EP).

A maneira indireta mencionada pelo participante pode significar que não é realizado de modo impositivo, mas é feita de maneira sutil, sem que agrida a liberdade religiosa e de consciência do aluno. Para Röhr (2012), pensar em uma educação voltada para a espiritualidade, necessariamente, tem que pensar numa educação indireta, numa educação em que se pode preparar o terreno, mas o passo mais importante é do próprio educando. Para este autor, a primeira forma de atuar indiretamente é o próprio exemplo do educador.

Além disso, identificamos que os participantes compreendem que, ao auxiliar os estudantes em suas questões psicoemocionais, a escola os está ajudando no desenvolvimento espiritual. Dayrell e Alves (2015) e Aquino, Dará e Simeão (2016) colaboram na compreensão do fato, ao dizer que questões relacionadas ao futuro fazem parte do universo de preocupação dos jovens. E que há uma correlação negativa entre depressão, ausência de sentido e percepção do tempo, principalmente relacionado ao futuro. Segundo Frankl (2015), a dúvida em relação ao sentido na vida poderia desempenhar um papel importante no estabelecimento e na manutenção de um quadro depressivo. Ao discutir sobre o sentido na vida, bem como a consciência de uma perspectiva de futuro, fornecendo subsídios para enfrentar os possíveis desafios que surgirão, a escola pode cooperar com a espiritualidade que constitui fator de prevenção do vazio existencial, ajudando esses jovens a descobrir novos significados e atuando na prevenção de doenças psíquicas (Aquino et al., 2011).

Por outro lado, no grupo de discussão realizado na escola pública, os participantes declaram, de maneira negativa, afirmando que a escola não tem contribuído, efetivamente, na espiritualidade deles e demonstraram certa insatisfação em relação ao fato de não ter aulas de religião, pois para eles seria é a ocasião em que a escola ajudaria no desenvolvimento da espiritualidade. Ao afirmar que: “*A escola não tem desenvolvido a nossa espiritualidade*, a escola tem ajudado mais nas aulas, e mesmo assim não está ajudando muito” (EP). E ainda: “*Acho que a escola ajudaria se tivesse tipo uma aula de religião*. Para que eles pudessem falar da religião deles e a gente da nossa e poderíamos conversar sobre isso. Mas como não tem, não dá pra falar, entendeu?” (EP).

Acho que depende, porque *na escola não falam muito disso com os alunos. Então se eles quisessem colocar uma aula assim*, não para fazer acreditar em alguma religião, mas para conversar, eu acho que eles poderiam tentar. Mas em que tipo de espiritualidade, sobre a gente ou sobre a espiritualidade, tipo de crer em alguma coisa (EP).

Para estes alunos, o ensino religioso é o local mais adequado para que a espiritualidade seja abordada. Esta é a disciplina escolar com maior possibilidade de conhecer sobre a espiritualidade, já que o seu objeto epistemológico é o Transcendente, denominado por Frankl (2016, p. 88-95) como “suprassentido”. Entretanto, a espiritualidade não deve ser responsabilidade apenas do ensino religioso. Aqueles que limitam o ensino da espiritualidade a uma disciplina ou evento, inviabilizam o próprio processo educacional. A educação espiritual

não é, portanto, uma disciplina à parte ou a espiritualidade tampouco um conteúdo particular a ser ensinado (Röhr, 2012).

Ainda quando discutíamos sobre a influência da escola, também foi falado sobre a contribuição docente na espiritualidade dos alunos. Para estes estudantes, rituais religiosos realizados pelos professores atuam como contribuição para o desenvolvimento da sua espiritualidade, como pode ser observado nesta parte do diálogo que ocorreu no grupo de discussão da escola confessional, transcrito abaixo:

[Aluno 1]: Acho que sim, o fato de *alguns professores terem o hábito da oração já influencia* (EC).

[Aluno 2]: Mas aqui [nesta escola especificamente] (EC).

[Aluno 3]: Se for em outra escola e esse *professor também tiver esse hábito, vai influenciar*, mas não necessariamente todos tem esse hábito (EC).

[Aluno 2]: Eu já fiquei numa escola até o primeiro ano e em outra a minha vida toda, eu fiquei na escola a tarde. Mas a outra escola que eu fiquei era católica, então assim que *a gente chegava a gente rezava o terço completo e a gente lia livros cristãos*, mas na outra escola não fazia oração, era japonesa também como essa, só que ela *não fazia questão de se prender à religião. Nas outras escolas que eu estudei, não tinha nada relacionada com religião, crença ou espiritualidade*. Então, se dependesse daquelas escolas em específico, não iria manjar de nada (EC).

A menção à oração pode ser a compreensão da espiritualidade em sua relação com a religiosidade, em que se valorizam rituais como expressão da dimensão espiritual. Ao que parece, os alunos também declaram que, se os professores não agissem de tal modo, talvez eles não tivessem conhecimento sobre a espiritualidade. Ou seja, a religiosidade manifestada na escola pode auxiliar na compreensão da dimensão espiritual pelos alunos.

Entretanto, no grupo de discussão da escola pública, os participantes também afirmam que alguns professores contribuem com a espiritualidade dos alunos, enquanto outros não: “*Mas tem professores que, tipo, só passam lição mesmo*”.

Mas tem professores que conversam, ajudam. Tem professores que assim, o Prof. [nome do professor], se alguém te trata mal, ele vai lá e conversa. Tem professores que são assim, vão lá passam lição e vão embora. Mas tem outros que querem saber se o aluno está bem, querem investigar e saber como ele está (EP).

O professor pergunta um pouco da vida do aluno, o aluno, se quiser, dá a liberdade de contar sobre a vida dele e conta. Aí o professor vai lá e tenta dar conselhos bons para tentar resolver o problema do aluno, porque tem muitos alunos que estão na escola e que estão com problemas em casa, com os amigos e o professor, como ele tem autoridade dentro da sala, *pode sim ajudar*, porque é mais do que a obrigação dele também; porque ensinar não é só passar um monte de textos e perguntas e não saber os motivos por que os alunos não evoluem nas aulas. Porque muitos alunos não evoluem porque estão muito tristes, estão com raiva e com sérios problemas em tudo e não é só: ‘Ah, ele é burro e não aprende mesmo’. Não! Tem muitos alunos que precisam de ajuda (EP).

Röhr (2007) nos ajuda a entender quando diz que a tarefa educacional, que é a humanização mais plena possível a cada ser humano, não se esgota na aquisição intelectual de conhecimentos. Abrange também as ações, o lado afetivo, as posturas, as convicções e tudo o que as sustenta. A boa relação professor-aluno e a espiritualidade são identificados como fatores de proteção, se caracterizando como um suporte pessoal para o jovem diante da exposição aos fatores de risco. A partir dos meios de atuação, os professores em sala de aula podem gerar situações que são fatores protetivos. Tais fatores podem influenciar tanto na aprendizagem quanto no desenvolvimento espiritual.

Ao serem indagados sobre como a escola poderia ajudar a desenvolver a espiritualidade, os estudantes da escola confessional falaram sobre uma atividade rotineira que influencia na espiritualidade deles. Os estudantes também levantaram a possibilidade de serem influenciados pela espiritualidade em disciplina que não seja, necessariamente, a de ensino religioso, como nas aulas de filosofia e sociologia:

Não! Nem sempre. Talvez, depende. Eu não sei. Por exemplo, *na aula de filosofia*, vamos supor, você pode se *conectar mais com você mesmo*, sendo influenciado por essa aula. *Entender mais seus pensamentos, os pensamentos de outras pessoas. Pra mim, isso é um tipo de espiritualidade, essa conexão com você.* Então, nem sempre é negativa a influência de uma escola que não é religiosa (EC).

Acho que a escola já faz o que está na medida do possível. Tipo, eu acho a nossa escola bem completa nesse sentido, por exemplo, *a gente tem capela que querendo ou não isso influencia bastante na nossa espiritualidade*, muita gente acredita que, por ser uma escola cristã, tem *muita gente que acredita em Deus*, que *se conecta com Deus*, *a capela influencia nisso*. A gente faz a meditação de manhã, a gente tem... Agora se uma pessoa, tipo, não é em Deus que ela acredita, não é Deus que motiva, que ela se conecta, *a gente tem aula de filosofia, aula de sociologia*, eu acho que isso é bem completo e bem importante, porque faz você entender. Se você não quer se conectar com Deus, faz você se conectar com você mesmo, entendeu? (EC).

Para os autores destas falas, não é apenas o ensino religioso que é capaz de contemplar a dimensão espiritual, mas é possível que outras disciplinas e áreas do conhecimento abordem aspectos espirituais. Para Morin, os jovens não encontram dificuldade em ligar os saberes, mas nós os ensinamos a constituir o conhecimento de modo separado. Esta abordagem encontra asilo no conceito de transdisciplinaridade de Edgar Morin (2000b; 2015), que atua num diálogo das tradições de sabedoria espiritual com as ciências. A transdisciplinaridade não descarta o conhecimento profundo, mas o compreende como campo de conhecimento aberto à complementariedade das disciplinas tidas como científicas. É papel do professor ensinar um modo de conhecimento que religa.

Interessante notar que, ao falarem sobre como a escola pode influenciar no desenvolvimento da espiritualidade, se levantou uma advertência quanto à possibilidade de agir em favor de doutrinação.

Acho que essa escola já faz bastante. Acho que fazer mais do que faz, algumas vezes faz, atrapalharia nas outras coisas e já *influenciaria de um jeito de doutrinação*, de querer que seja feito da maneira que a escola acha certo. Eu acho isso. Parar onde está é bom, mas avançar aí já passou dos limites (EC).

Então *a escola não é obrigada a dar uma aula sobre religiosidade nem é obrigada a doutrinar*. Porque, no momento em que a escola der uma aula de religiosidade, ela também vai doutrinar a religião dela, então *a obrigação da escola é ensinar a matemática, português, ciências e não a religiosidade*. A pessoa que busca a religiosidade (EP).

Röhr (2007; 2011; 2012) concorda com o posicionamento dos participantes, ao declarar que, em relação a dimensão espiritual, proíbe-se qualquer atitude impositiva. Para ele, não existe uma educação que possa fazer com que o educando de fato se volte para a espiritualidade e se comprometa com ela. Desenvolver-se espiritualmente é decisão livre do educando e qualquer tipo de coação por parte do educador ou da escola, por mais sutil que seja, pode estragar todo um esforço educacional de preparação. Rogers (1961) contribui ao afirmar que: “Somente quando estou livre para ser eu mesmo, sem que me seja imposta qualquer expectativa ou sistema de crenças, posso começar a explorar o que é mais verdadeiro para mim, incluindo a dimensão espiritual”.

O estudo da religiosidade ou espiritualidade não é ruim em si mesmo; torna-se problemático quando essas questões são utilizadas para excluir, discriminar grupos ou crenças que não possuem as mesmas similaridades ou a mesma forma de compreensão. Assim, uma importante questão reside em refletir em como abordar a espiritualidade no convívio com a diversidade. Pois, mesmo que a dimensão espiritual seja inerente ao ser humano, o seu desenvolvimento não é automática, exige busca ativa e decisões conscientes, muitas vezes provocadas por desafios e sofrimentos (Frankl, 2005), ao mesmo tempo que precisa de práticas e estímulos externos (Wilber, 2011). Para isto, é necessário que se reconheça a espiritualidade como laica, que não implica necessariamente uma adesão religiosa.

Uma educação que trabalhe com esses princípios de natureza espiritual, que veja nas pessoas mais do que seres dotados de razão, seres sensíveis e capazes de lidar com diferentes modos de construir conhecimento que não apenas o dito científico-acadêmico, se faz necessária. Nessa perspectiva, a postura educacional (de professores, alunos, gestores, pais, e de toda comunidade educativa) precisará ser transdisciplinar, não preconceituosa, facilitadora à criação de ambientes propícios para o diálogo aberto entre disciplinas, para que estas possam atuar conjuntamente e não de modo fragmentário, em prol da humanização. Como dito por Delors et al. (1996, p. 19): “Utopia, pensarão alguns, mas utopia necessária, utopia vital para sair do ciclo perigoso que se alimenta do cinismo e da resignação”.

Considerações finais

Em síntese, identificamos que a maioria dos participantes considera que a espiritualidade influencia o desempenho acadêmico. Ao buscarem na espiritualidade recursos para enfrentar adversidades da vida, podem desenvolver capacidade de superação, lidar com as crises existenciais e aliviar a tensão. Todos esses fatores podem influenciar

no desempenho da dimensão cognitiva. Entretanto, novas pesquisas devem ser realizadas para aprofundar essa questão. Também verificamos que a maioria dos jovens estudantes que participaram desta pesquisa, compreende que seus professores não contribuem para o desenvolvimento de sua espiritualidade. Essa falta de colaboração pode se dar porque os educadores negligenciam as questões que ultrapassam a tarefa da transmissão de conhecimentos e limitam-se às suas especialidades, mas também pode significar que os docentes não compreendem claramente o conceito de espiritualidade e que também pouco se desenvolveram espiritualmente em âmbito pessoal.

De outro modo, identificamos que os participantes declaram não existir oportunidade de aprendizado sobre a espiritualidade, mas deve-se levar em conta que parte das escolas pesquisadas não ofertam aulas de ensino religioso, ambiente mais propício para que o tema possa ser explorado, segundo a opinião deles. Semelhantemente, os estudantes consideram importante que a escola ofereça algum tipo de assistência espiritual e que essa assistência pode funcionar como rede de apoio para estudantes em situação de vulnerabilidade.

A análise das falas dos grupos de discussão evidenciou que não há consenso se a escola contribui para a espiritualidade e que, na opinião de alguns dos participantes, a escola deveria ofertar aulas de ensino religioso. Entretanto, apesar desse desejo, alguns revelaram uma preocupação no modo como a espiritualidade poderia ser apresentada pela escola, pois pode acontecer que convicções religiosas sejam impostas aos alunos.

Quanto à contribuição dos professores, transparece que os participantes compreendem essa contribuição como algum tipo de auxílio psicoemocional, uma relação professor-aluno baseada numa prática humanizadora, que leva em consideração as condições vividas pelos estudantes. Ao mesmo tempo, os participantes valorizam as manifestações de religiosidade dos professores como contribuindo para sua formação espiritual. Por fim, pode-se compreender os princípios de transdisciplinaridade aplicados no ensino da espiritualidade, em que ela se apresenta como uma disciplina ou tema que colabora com outras disciplinas para que a escola consiga influenciar mais plenamente o desenvolvimento espiritual dos alunos.

No que diz respeito à relação entre espiritualidade e escola, concluímos que a maioria dos participantes considera que há influência da espiritualidade no desempenho acadêmico. Ao buscarem na espiritualidade recursos para enfrentar as adversidades da vida, eles podem desenvolver a capacidade de superação, assim conseguindo lidar com as crises existenciais e obtendo alívio para as tensões. Esses fatores podem ter repercussão no desempenho da dimensão cognitiva. Entretanto, novas pesquisas devem ser realizadas na intenção de aprofundar essa questão. Também concluímos que os jovens estudantes que participaram da pesquisa estimam, em sua maioria, que seus professores não contribuem para o desenvolvimento de sua espiritualidade. Essa falta de auxílio pode resultar da omissão dos educa-

dores quando têm que lidar com questões que ultrapassem a tarefa de transmissão de conhecimentos, pois tendem a se ater às suas especialidades. Por outro lado, pode significar que os docentes não compreendem claramente o conceito de espiritualidade, o que pode indicar que não receberam uma formação profissional adequada, nem se desenvolveram espiritualmente em âmbito pessoal.

Recebido em 08 de outubro de 2023
Aprovado em 26 de setembro de 2024

Referências

ABDALA, Gina Andrade et al. A religiosidade/espiritualidade como influência positiva na abstinência, redução e/ou abandono do uso de drogas. *Revista Formadores*, v. 2, n. 3, p. 447-447, 2009. Disponível em: <https://adventista.emnuvens.com.br/formadores/article/view/67>. Acesso em: 19 set. 2024

AMORIN, Maria da Conceição de Melo. **O humano em Edgar Morin: contribuições para a compreensão da integralidade na reflexão pedagógica**. 2003. 149 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/4804>. Acesso em: 29 abr. 2020.

AQUINO, Thiago Antônio Avellar de; DARÁ, Dany Monique Batista; SIMEÃO, Shirley de Souza Silva. Depressão, percepção ontológica do tempo e sentido da vida. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, v. 12, p. 35-41, 2016. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1808-5687201600100006&script=sci_arttext. Acesso: 19 set. 2024.

AQUINO, Thiago Antonio Avellar de et al. Avaliação de uma proposta de prevenção do vazio existencial com adolescentes. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 31, p. 146-159, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932011000100013>. Acesso em: 18 set. 2024.

ARANTES, Mariana Marques. **O (des) conhecimento sobre a influência das emoções na relação professor-aluno**. 2014. 189 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/12883>. Acesso em: 18 set. 2024.

CALLAS, Danielle Girotti. **As finalidades educativas escolares a partir das percepções dos jovens-alunos e os desafios da escola na atualidade**. 2020. 234 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação - Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/23604>. Acesso em: 18 set. 2024.

DAYRELL, Juarez; ALVES, Maria Zenaide. Ser alguém na vida: um estudo sobre jovens do meio rural e seus projetos de vida. *Educação e Pesquisa*, v. 41, p. 375-390, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1517-97022015021851>. Acesso em: 18 set. 2024.

DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo César R. Jovens no Brasil: difíceis travessias de fim de século e promessas de um outro mundo. *Recuperado el*, v. 10, 2002. Disponível em: http://formacaoredefale.pbworks.com/f/Jovens+no+Brasil_Dif%C3%ADceis+Travessias_Paulo+Carrano.pdf. Acesso em: 18 set. 2024.

- DELORS, Jacques et al. **Educação um tesouro a descobrir**: relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre educação para o século XXI. Brasília, DF: UNESCO, 1996.
- FRANKL, Viktor Emil. **Um sentido para a vida**: psicoterapia e humanismo. 23 ed. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2005.
- FRANKL, Viktor Emil. **El hombre doliente**: fundamentos antropológicos de la psicoterapia. Barcelona, Espanha: Herder Editorial, 2010.
- FRANKL, Viktor Emil. **Logoterapia e análise existencial**: textos de seis décadas. São Paulo: Forense Universitária, 2014.
- FRANKL, Viktor Emil. **O sofrimento de uma vida sem sentido**: caminhos para encontrar a razão de viver. São Paulo, SP: É Realizações, 2015.
- FRANKL, Viktor Emil. **Psicoterapia e sentido da vida**: fundamentos da logoterapia e análise existencial. São Paulo: Quadrante, 2016.
- FRANKL, Viktor Emil. **A presença ignorada de Deus**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2017.
- FRANKL, Viktor Emil. **Em busca de sentido**: um psicólogo no campo de concentração. 43 ed. São Leopoldo: Sinodal, 2018.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.
- GLAZER, Steven. **The heart of learning**: spirituality in education. New York: New Consciousness Reader/J. P. Tarcher Putnam, 1999.
- LANCUNA, Alex Cezar et al. Religiosidade e Espiritualidade no Enfrentamento da Ansiedade, Estresse e Depressão. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 4, n. 2, p. 5441-5453, 2021. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/26330>. Acesso em: 18 set. 2024.
- LAU, Fábio Henrique Sales de Lima. **Espiritualidade e educação**: a contribuição de Edgar Morin para a prática docente. 2016. 92 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Universidade Católica de Pernambuco, Recife, PE, 2016.
- LENOIR, Yves et al. **Les finalités éducatives scolaires**: une étude critique des approches théoriques, philosophiques et idéologiques. Saint-Lambert (Québec): Éditions Cursus Universitaire, 2016.
- LIBÂNEO, José Carlos. Finalidades educativas escolares e internacionalização das políticas educacionais: impactos no currículo e na pedagogia. **European Journal of Curriculum Studies**, v. 3, n. 2, 2016.
- MAY, Rollo. **O homem à procura de si mesmo**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2011.
- MILLER, John P. **The holistic curriculum**. Toronto, Canadá: University of Toronto Press, 2019.
- MORIN, Edgar. **El método IV**: las ideas: su hábitat, su vida, sus costumbres, su organización. Madrid: Ediciones Catedra, 1992.
- MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000a.
- MORIN, Edgar. **Os setes saberes necessários à educação do futuro**. Brasília, DF: UNESCO, 2000b.

- MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2005.
- MORIN, Edgar. **Ensinar a viver**: manifesto para mudar a educação. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- MORIN, Edgar. **O método 5**: a humanidade da humanidade. Porto Alegre: Sulina, 2012b.
- MORIN, Edgar; ALMEIDA, Maria da Conceição de; CARVALHO, Edgar de Assis. **Educação e complexidade**: os sete saberes e outros ensaios. São Paulo: Cortez 2007.
- MORIN, Edgar; COPPAY, Frank. Social paradigms of scientific knowledge. **SubStance**, v. 12, n. 2, p. 3-20, 1983. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/3684484>. Acesso em: 18 set. 2024.
- PASCUAL, Fernando. Viktor Frankl: antropología y logoterapia. **Ecclesia**, v. 17, n. 1, p. 37-54, 2003. Disponível em: http://latautonomy.com/PascualFernando_Frankl.pdf. Acesso em: 18 set. 2024.
- PESTANA, Linda Siokmey Tjhio Cesar. Oficinas de bibliodrama em favor da educação e formação integral humana. In: SILVA, A. J. N. (Ed.). **O campo teórico-metodológico-epistemológico da educação**: no fomento da questão política da atualidade. Ponta Grossa, PR: Atena, 2021.
- ROGERS, Carl R. **Tornar-se pessoa**: uma perspectiva da psicoterapia centrada no cliente. São Paulo: Martins Fontes, 1961.
- ROGERS, Carl R. **Liberdade para aprender**. São Paulo: Martins Fontes, 1969.
- RÖHR, Ferdinand. Reflexões em torno de um possível objeto epistêmico próprio da educação. **Pro-posições**, v. 18, n. 1 (52), p. 51-70, jan./abr. 2007. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643573>. Acesso em: 18 set. 2024.
- RÖHR, Ferdinand. Espiritualidade e formação humana. **POIÉISIS**, v. 4, p. 16, 2011. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/poiesis/article/view/748>. Acesso em: 18 set. 2024.
- RÖHR, Ferdinand. Espiritualidade e educação. In: RÖHR, Ferdinand (Ed.). **Diálogos em educação e espiritualidade**. Recife, PE: Ed. Universitária da UFPE, 2012. p. 11-51.
- VIEIRA, Marili Moreira da Silva. **Tornar-se professor em uma escola confessional**: um estudo sobre a constituição identitária do professor na perspectiva da dimensão da espiritualidade. 2009. 257 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/PUC_SP-1_3a303dddec2e7287a46ecd65cbcf1ae. Acesso em: 18 set. 2024.
- VIEIRA, Marili Moreira da Silva; PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza. A dimensão da espiritualidade no processo de constituição identitária do professor. **Revista da FAEEBA - Educação e Contemporaneidade**, v. 20, n. 35, p. 19-30, jan./jun. 2013. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S0104-70432011000100003&script=sci_abstract. Acesso em: 18 set. 2024.
- WILBER, Ken. **A theory of everything**: An integral vision for business, politics, science and spirituality. Boston, EUA: Shambhala, 2011.

Patrick Vieira Ferreira é Pós-doutorando em Educação pela PUC-SP (2022), Doutor em Psicologia da Educação pela PUC-SP (2021), Mestre em Educação pela UMESP (2016), possui graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Faculdade Adventista de Educação do Nordeste (2008) e graduação em Teologia - Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia (2008), Especializado em Gestão Educacional e Capelania Escolar. Coaching Profissional certificado pela Sociedade Latino Americana de Coaching. Atualmente é o Diretor de Desenvolvimento Espiritual e docente do UNASP, campus Hortolândia.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9556-2898>

E-mail: prpatrickvf@gmail.com

Vera Maria Nigro de Souza Placco é mestra em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), doutora em Educação pela PUC/SP e pós-doutora em Psicologia Social na École Des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS). Atualmente é professora titular dos Programas de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação e do Programa de Mestrado Profissional da PUC/SP. Coordena o grupo de pesquisa Contexto Escolar, Processos Identitários na formação de Professores e Alunos da Educação Básica (CEPID - CNPq) e atua como pesquisadora Associada do Centro Internacional de Estudos em Representações Sociais e Subjetividade -Educação - FCC/DPE-CIERS-Ed e da Cátedra UNESCO - Profissionalidade Docente (FCC).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9515-2370>

E-mail: placco7@gmail.com

Disponibilidade dos dados da pesquisa: o conjunto de dados de apoio aos resultados deste estudo está publicado no próprio artigo.

Editora responsável: Lodenir Karnopp

